

Maria Bethânia - Carta de Amor

tom:

G

Eu tenho zumbi, besouro o chefe dos tupis
Sou tupinambá, tenho erês, caboclo boiadeiro
Mãos de cura, morubichabas, cocares, arco-íris
Zarabatanas, curarês, flechas e altares
A velocidade da luz no escuro da mata escura
O breu o silêncio a espera
Eu tenho Jesus, Maria e José
Todos os pajés em minha companhia
O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos
O poeta me contou

Não mexe comigo que eu não ando só
Eu não ando só, eu não ando só Não mexe não

Não misturo, não me dobro a rainha do mar
Anda de mãos dadas comigo
Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim

É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre o meu corpo
Garante meu sangue, minha garganta
O veneno do mal não acha passagem
E meu coração Maria acende sua luz e me aponta o caminho

Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã
Giro o mundo, viro, reviro, tô no recôncavo, tô em face
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma
Traço o cruzeiro do sul, com a tocha da fogueira de João
menino
Rezo com as três Marias

Vou além me recolho no esplendor das Nebulosas
Descanso nos vales, montanhas, durmo na forja de Ogum
Mergulho no calor da lava dos vulcões, corpo vivo de Xangô

Não ando no breu nem ando na treva
Não ando no breu nem ando na treva
É por onde eu vou que o santo me leva
É por onde eu vou que o santo me leva
Não ando no breu, nem ando na treva
Não ando no breu, nem ando na treva
É por onde eu vou que o santo me leva
É por onde eu vou que o santo me leva

Medo não me alcança, no deserto me acho
Faço cobra morder o rabo, escorpião virar pirilampo
Meus pés recebem bálsamos, unguento suave das mãos de Maria
Irmã de Marta e Lázaro, no Oásis de Bethânia
Pensou que eu ando só?

Atente ao tempo

Não começa nem termina, é nunca, é sempre
É tempo e reparar na balança de nobre cobre que o rei
equilibra
Fulmina o injusto, deixa nua a justiça

Eu não provo do teu féu, eu não piso no teu chão
E pra onde você for, não leva o meu nome, não
E pra onde você for, não leva o meu nome, não
Eu não provo do teu féu, eu não piso no teu chão
E pra onde você for, não leva o meu nome, não
E pra onde você for, não leva o meu nome, não

Onde vai, valente?
Você secou, seus olhos insones secaram
Não vêem brotar a relva que cresce livre e verde
longe da tua cegueira
Seus ouvidos se fecharam à qualquer música, qualquer som

Nem o bem, nem o mal, pensam em ti, ninguém te escolhe
Você pisa na terra mas a sente, apenas pisa
Apenas vaga sobre o planeta
E já nem ouve as teclas do teu piano
Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona
Não tem alma... você é o oco do oco, do oco, do sem fim do
mundo

O que é teu já tá guardado
Não sou eu que vou lhe dar
Não sou eu que vou lhe dar
Não sou eu que vou lhe dar
O que é teu já tá guardado
Não sou eu que vou lhe dar
Não sou eu

Eu posso engolir você, só pra cuspir depois
Minha fome é matéria que você não alcança
Desde o leite do peito de minha mãe
Até o sem fim dos versos, versos, versos
Que brota do poeta em toda poesia sob a luz da lua
Que deita na palma da inspiração de Caymmi

Quando choro, se choro
É pra regar o capim que alimenta a vida
Chorando eu refaço as nascentes que você secou
Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio
Vivo de cara pra o vento na chuva e quero me molhar

O terço de Fátima e o cordão de Gandhi cruzam o meu peito
Sou como a haste fina que qualquer brisa verga
Mas nenhuma espada corta

Não mexe comigo que eu não ando só
Que eu não ando só, que eu não ando só
Não mexe, não

Acordes

